



N.º 34 — LISBOA, 3 DE SETEMBRO

1.º ANO 1933

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se às quintas-feiras
 Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
 Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

| | | | |
|---|-----------|---|-----------|
| Lisboa e provincias, anno 52 num. | 15000 rs. | Brazil, anno 52 numeros | 25500 rs. |
| Semestre, 26 numeros | 8500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 15000 rs. | |
| Cobrança pelo correio | 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros | 15800 rs. |

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porem de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
 82, Rua do Norte, 82
IMPRESSÃO
Lythographia Artistica
 Rua do Almada, 32 e 34

O FERRARI



O maior aliado da Inglaterra

Mouros e christãos

A proposito da Macedonia, volta a dizer-se que o sultão da Turquia é um verdadeiro attentado á civilisação.

Ora aqui está o que não podemos admitir.

Porque é que o sultão Abdul Hamid attenta mais gravemente contra a civilisação, do que tantos outros soberanos e senhores de imperios?

Ninguem saberia responder, porque a verdade é que, em virtude da mesma moral e das mesmas necessidades que estimulam o sultão, outros monarchas de uma apparencia menos barbara, mas não menos impiedosos, se tem entregado á pratica de uma acção que não tem sido nem menos violenta nem menos cruel.

Em primeiro lugar, o que é que torna particularmente antipathico aos olhos da civilisação, esse soberano aziatico com soberania no territorio privilegiado da civilisação?

O nenhum respeito que lhe merece o principio da inviolabilidade da vida humana.

Mas — por Deus! — tem por acaso a civilisação mostrado respeitar esse principio?

De nenhuma maneira.

Aquillo a que nós chamamos civilisação não se effectua senão á custa da vida humana.

A Europa em peso está armada como nunca o esteve — para quê?

Para matar!

O que significa essa tremenda esquadra que ha pouco ainda pairou nas costas do Algarve?

Uma espantosa ameaça á vida humana.

N'um momento dado, esses monstruosos engenhos de destruição aniquilarão em um só dia mais existencias do que todas as que tem caído, em longos criminosos annos, sob a tyrannia sanguinaria do sultão.

O que são os exercitos formidaveis da actualidade?

Temerosas ameaças á vida humana.

O que é o soldado? — Um condemnado á morte!

Para que trabalha a civilisação?

Para destruir.

Emquanto meia duzia de solitarios obreiros velam pela integridade da vida humana, milhares de demonios infatigaveis trabalham dia e noite para a aniquilar.

Descobre-se a vaccina, o soro anti-rabico, o soro anti-diphtherico, mas descobre-se ao mesmo tempo o canhão Krupp, o canhão Bange, o canhão Canet, a dynamite, a melinite, a ruborite e, n'esta lucta entre os que procuram salvar a humanidade e os que procuram perdê-la, são estes os

que levam a melhor. — Pasteur salva uma creança; Krupp aniquila um milhar d'homens.

Abdul Hamid põe em risco a Macedonia.

A Civilisação põe em risco o genero humano.

Por outro lado, Abdul Hamid não é o Direito. Mas é porventura a civilisação o Direito?

A Polonia era o Direito — e morreu. O Schleswig era o Direito — e morreu.

O Transwaal era o Direito — e morreu.

Abdul Hamid não accomette mais singularmente o principio do Direito do que o imperador da Russia, que todos os dias o deporta para as minas remotas da Siberia.

Abdul Hamid chama-se — tyrannia.

A Macedonia chama-se insurreição.

Eis o que é — e estes dois inimigos não estão na Turquia: estão no coração mesmo da Europa, batendo-se sempre que o fôr preciso, com a mesma ferocidade com que se estão batendo na Macedonia.

A Civilisação não tem pois motivos para tapar pudicamente o rosto.

Mouros e christãos — tão bons são uns como os outros.

JOÃO RIMANSO.



Vae alta a noite

Vae alta a noite; em solitaria rua
Não ladra á lua um pequenino cão;
Mas lá de escusos, arredados becos
Surgem uns echos de qualquer função.

— «D'onde vem isto?» perguntei a um gajo
Que pelo trajó varredor julgarei...
Este homemsinho, que poeira erguia,
Da cortezia respeitava a lei.

— «O som, que escuta a perpassar na brisa,
O povo avisa a não chorar seu mal;
E' o echo alegre, magestoso e novo
De todo o povo de Alijó — triumphal.

De lá saiu um estadista raro,
Ultra-preclaro, que trabalha e creê...
Um estadista a mais não ser famoso,
E até gajozos... veja lá você!»

E eu disse logo aos três botões da blusa:
O' patria luza, morre d'esta o cáol...
Ergue-lhe estatua de subido preço,
Feita do gêsso que se põe no pão!

Encommendei um foguetorio em França,
Falei á dança que da Bica sãe...
Visto que o homem descobriu o geito
De pôr direito o que tão torto vae!

O' Alijó! eu te saúdo a êsmo,
De coc'ras mesmo, se preciso fôr!...
O' sabichão a quem o gaz não falta,
Enxota a malta... ganharás andor!

BONIFACIO

GATOS POR BRAZAS

O correspondente do *Diario de Noticias* em Zurich refere na sua ultima carta um facto que nos tóca pela porta, e que não deve passar sem reparo.

Conversando com um cidadão suíço, que ha poucas semanas esteve de passagem em Portugal, demorando-se apenas dois dias em Lisboa, esse cidadão mostrou-se muito penalizado por não lhe ter sido possível visitar nenhum dos nossos museus, encontrando-os todos fechados.

Foi ao Museu das Janellas Verdes, fechado.

Foi ao Museu de Artilheria, fechado.

Foi ao Museu da Escola Polytechnica, fechado.

Foi ao Museu da Madre de Deus, fechado.

Perguntando lhe ainda o correspondente se elle tinha visitado, ao menos, os Jeronymos, o suíço disse que não, porque ninguem aqui lhe indicara os Jeronymos como coisa digna de vêr-se.

Em summa: ao cabo de dois dias passados em Lisboa, esse suíço, aborrecendo-se infinitamente por não ter nada que vêr, pegou na mala, e abalou, descoroçoado.

Agora, outro caso.

Ha poucos dias, chegou tambem a Lisboa um outro estrangeiro, maniac de viajens, que andava dando a volta ao mundo, tendo já estado entre selvagens, e afirmando até que nunca vira gente mais amavel do que elles.

Mas aqui, em pleno Rocio, um guarda fiscal descobre-lhe oito centimetros de isca, de que o viajante se servia para acender o cigarro, deita-lhe o gatazio ao hombro, e quer á viva força que o homem seja autoado, multado, e queimado vivo. O *globe-trotter*, enfiadissimo, lá se desembaraça do fisco como pôde, e só depois de se vêr outra vez no mar alto, já bem fóra da barra, é que recobra o animo.

Tudo isto se dá n'um momento em que mais se fala de propagandas para atrair o estrangeiro a Portugal, já pelo cartaz, já pelo jornal, já pela conferencia.

São coisas contraditorias.

Por imquanto, e á parte as impressões da paisagem, Portugal não pôde proporcionar ao estrangeiro agradaveis apontamentos de viagem.

Apenas lhe offerece alguns des-
apontamentos.



UM APROPOSITO

Se a policia de Lisboa começa a intrometter-se tambem nas attribuições dos facultativos em exercicio da medicina, não tardará que vejamos, nos nossos jornaes de mais minuciosa informação, coisas d'este genero:

Tentativa de cura

Na pacata Travessa do Enviado da Inglaterra, andou hontem o diabo á solta.

No segundo andar do predio n.º 86, reside ha dois annos a sr.ª D. Felismina Maldonado Picotas, viuva do general Picotas, que foi, quando ainda alferes, o braço direito do Marquez de Sá da Bandeira.

Ha tempos, sentindo-se cair em grande debilidade, com frequentes enxaquécas e dôres nos rins, a sr.ª D. Felismina começou a tratar-se com o Dr. Mendes, mas sem grande resultado.

Hontem de manhã, a sr.ª D. Felismina acabara de almoçar umas torradas e um pouco de café com leite, quando a acometeu uma grande afflicção, seguida de perda dos sentidos. A creada Maria, que é a unica companhia da bondosa senhora, correu á janela, no intuito de chamar a'lguem, quando felizmente avistou o Dr. Mendes, que se dirigia para casa da sua cliente.

Auxiliado pela dedicada serva, o illustre facultativo transportou para cima do leito a sr.ª D. Felismina, que continuava a não dar accordo a si; e ali começou a aplicar-lhe, talvez inadvertidamente, o trivial processo da *flagelação das forças*.

N'este comenos, a sr.ª D. Felismina volta a si, desata a gritar por soccorro, e a creada Maria, não atinando com a rasão medica do que via, começou tambem a gritar desesperadamente.

Parte da visinhança, acode, outra parte corre ao primeiro posto de incendios a chamar a bomba, ouvem-se apitos, chega a policia, e o Dr. Mendes apenas tem tempo para fugir por uma janela das trazeiras do predio, para cima d'um telhado.

Quando a sr.ª D. Felismina, mais socegada, reconheceu que não houvera realmente motivo para tanto barulho, e quiz explicar os factos, já era tarde.

A policia conseguira capturar o medico, sobre quem pesa n'este momento a gravissima accusação de cura frustrada—com premeditação.

Sobre a mesinha de cabeceira da victima foi encontrada uma caixa de pilulas, que a policia enviou para a Boa-Hora, dizendo serem «balas Pink».

O Rei dos Animaes

Uma revista ingleza de senhoras abriu um plebiscito com o intuito de apurar «o que é aquillo que a mulher mais admira no homem.»

A primeira vista, suppõe-se que é esta uma interrogação para a qual não ha, em boa verdade, senão uma resposta.

Mas não é assim.

De toda a parte do mundo afluíram as respostas mais diversas, algumas das quaes—diz essa revista—não podem ter publicidade.

Outras ha, porém, que são muito para meditar.

Diz uma:

«O que as mulheres admiram principalmente no homem é a coragem e o pescoco duro.»

Parabens ao sr. Abraham Bensaude!

Diz outra:

«A belleza masculina é para a mulher absolutamente indifferente.»

Ora apanhe lá o sr. Sanches de Frias esse peão á unha!

Pondera uma terceira:

«A mulher nunca julga o homem pelas apparencias. Ella bem sabe que as apparencias, muitas vezes, enganam. Precisa conhecê-lo na intimidade, pelo coração.»

Diz muito bem. A experiencia é a mestra de inglez da vida!

Fala n'estes termos uma quarta:

«Energia, força, musculo, são as qualidades que a mulher exige no homem ideal. Perdôa-lhe a falta de muitas outras; a falta d'estas nunca poderá perdoar-lhe.»

Demonio... Uma pessoa não é de ferro!

Medecina legal

O caso de ter a sr.ª Adelaide Guilhermina das Neves apresentado queixa á policia contra um medico do Monte-pio Fraternidade, por lhe ter elle applicado o trivial processo da «flagelação das forças» n'um momento de deliquio, colloca a medicina n'uma situação embaraçosa, e vae sujeita-la a graves contingencias.

D'oravante, não haverá facultativo prudente que deixe de tomar algumas medidas de precaução durante o tratamento de certas doenças.

A simples applicação de uma ventosa, que até agora não constituia por modo nenhum materia de delicto previsto pelos Codigos, vae tornar necessario, certamente, para garantia do medico, o prévio consentimento juridico do doente, devidamente reconhecido pelo tabellião.

A massagem, que com tanto exito estava sendo usada em males rheu-

maticos, torna-se agora de perigosa responsabilidade, sendo justo que o massagista exija ao doente os attestados do paroco e do regedor, pelos quaes se prove que elle é o proprio, e que precisa realmente ser massado.

Finalmente, o uso do clistér, desde tanto tempo considerado effez e benefico na prisão de ventre, pôde n'um dado momento ser caso para seis mezes de prisão correccional, com custas e sellos do processo.

A seringá deixa de ser um instrumento de cura, para se tornar um instrumento de crime!

Menús politicos

Para pouparmos ao embaraço da escolha os dois partidos politicos, que neste momento discutem o menú do jantar que cada qual deseja offercer ao seu respectivo chefe, por occasião do respectivo regresso, abaixo indicamos o que a cada um d'elles mais convém.

Menú regenerador

Consommé à la Reine... et au Roi
Turbot, sauce bleue
Filet de bœuf Argentin
Vol-au-ventre du Pays
Gigot de mouton à la Electorale
Salade dictatoriale
Glace panachée. Pâtisserie
Fromages et fruits
Café, liqueurs, et... Tabacs

Menú progressista

Polage à la Royale
Saumon du Nord, sauce Republicaine
Coeur de filet Constitutionel
Filets de canards à la Presse
Faisan rotatif
Salade caprice
Timbale de fruits à Son Excellence
Fruits. Desserts
Café, liqueurs et... Tabacs

Decima alegre

A terra fertil de alfarroba e praga.

Os Burros, AGOSTINHO DE MACEDO

O' Zé Povinho de Lagos,
A's tuas magoas te roubas
Porque vês crescer os bagos
Na terra das alfarrobas!...
Vendeste figo ás arrobas
E as passas todas, talvez;
E, co'a mais nobre altivez
Vendo as naus cortar as vagas,
Esqueceste as velhas pragas
Para cantar o hymno inglez!

Convem que os poderes publicos vão mais longe do que a caridade particular, com a qual é impossível e absurdo pretender sustentar e manter colonias.

CORRESPONDENCIA DA PRAIA (CABO VERDE) PARA O «SÉCULO»



MENDICIDADE E COLONIAS

OUTRA NA FERRADURA

Os jornaes concluem das ultimas manobras do Algarve, que Lagos, assim como os Açores e a Madeira são indispensaveis aos inglezes n'uma futura guerra e que, por este motivo... é preciso fortificar estes pontos do territorio.

Os inglezes não podiam, com effeito, encontrar alliados mais commodos.

Estava Lagos votada ao abandono pelos poderes publicos, sem communicação com o resto da provincia e do paiz, sem uma ponte, sem um caes.

Vem os inglezes. Prompto! — Caminhos de ferro, ponte, caes... Lagos restaurada, Lagos engraudecida.

Lagos não existia. Vem os inglezes e passa a ser uma alta expressão geographica.

Açodadamente, a imprensa pede melhoramentos para Lagos, e o governo, que nunca tinha pensado em Lagos, apressadamente mette Lagos no orçamento.

O mesmo com os Açores, o mesmo com a Madeira.

Nunca até aqui se havia pensado em defender esses pontos do territorio, certamente porque nunca occorreu que elles podessem ser atacados.

A Madeira estava entregue aos governadores civis. Os Açores falavam mesmo em separar-se.

Vem, porém, os inglezes, manobram na Madeira, manobram nos Açores e, immediatamente, estes dois archipelagos se tornam infinitamente interessantes. A imprensa pede que as fortifiquem e os poderes publicos, que nunca tinham reparado n'elles, dispõem-se a organisal-os para a defesa... da Inglaterra.

Optimos alliados!

O que é lamentavel é que a Inglaterra não se sirva senão das nossas costas, talvez para dar razão áquelle inglez que em tempos nos capitulou de (vae no texto) — *set of dunkeys*.

Com esta pressa em lhe ser agradavel, se fossemos melhorando Portugal á medida que ella o fosse occupando, ficavamos um paiz decente.

Por exemplo, a policia.

Aqui está o que um dos nossos jornaes diz da policia de Londres:

O *policeman* é para o habitante de Londres um amigo, um protector, um guardião zeloso das vidas e fazendas, sempre disposto a sacrificar a sua tranquillidade, ou a sua existencia em beneficio das pessoas honradas e dos desvelidos. O pacífico habitante de Londres quer ao *policeman* como a um

membro da sua propria familia; chama-o quando necessita do seu auxilio, sem desconfianças nem antipathias, obedece-lhe quando é preciso, sem protestos, nem lamentações.

Aqui está.

Se no nosso empenho de servir a Inglaterra nós não só abrissemos os nossos portos aos seus navios, mas a nossa civilização ás suas instituições e aos seus costumes, a alliança ingleza daria alguns fructos.

Assim só dá salvas, que, embora nocturnas, não são de resultados immediatos.

A proposito de salva nocturna:

Conta o correspondente especial do *Dia* em Lagos que, ao ouvir a salva nocturna, que tanto parece ter robustecido a alliança ingleza, um official da nossa marinha exclamara:

—Imaginem como a gente sentiria o coração ao encontrar-se a sério dentro de um dos nossos navios de folha de Flandres com aquelle *bicho*!

Foi pois assim, sob a base de uma esquadra de cafeteiras, que se assentou a alliança ingleza.

Quer dizer—no caso de uma guerra, Portugal dá á Inglaterra — agua quente.

N'um paiz de aguas mornas, vamos lá!—não é pequena contribuição.

Nuestros hermanos também tem a sua alliança, com a França, e também estão frescos.

O ministro da marinha indo inspecionar o arsenal de Cadiz encontrou—dizem telegrammas—algumas officinas montadas como no seculo XVII.

A nós não nos surprehende que o trabalho na peninsula esteja organizado como no seculo XVII, se a propria intelligencia não funciona com motores mais aperfeçoados.

Nós, por exemplo, funcionamos em virtude de engrênagens velhissimas.

Querem uma officina montada como no seculo XVII, como no seculo XVIII?

A Policia.

O juiz Veiga tem seculos.

A Carta Constitucional, por exemplo, é anterior ao *Habeas Corpus* e á Proclamação dos Direitos do Homem.

Socialmente, a peninsula está soterrada, como Herculanium e Pompeia.

Nós vivemos entre ruinas. Habitamos restos de edificios d'outras eras. Não somos em rigor duas nações. Somos duas curiosidades da Civilização e da Historia.

A unica coisa moderna que temos são os hoteis.

Querem mais exemplos, recentes? São da semana passada.

Primeiro:

Na Avenida Fontes Pereira de Mello um trabalhador escapou «milagrosamente» a um desastre—diz um dos jornaes mais lidos da capital.

Todos os dias, a imprensa portugueza salva um grande numero de pessoas *milagrosamente*.

Assim ella contribue para esclarecimento do espirito publico, tirando a muitos milhares de exemplares a doutrina do milagre.

Convém dizer que esta imprensa é por via de regra liberal, senão livre pensante.

Segundo:

Na Tapada da Ajuda, como um popular não tirasse promptamente o chapéu ao rei, um official—diz outro jornal—«irritado com este acto de indelicadeza ou de distracção, obrigou-o a descobrir-se, atirando-lhe o chapéu ao chão.»

Quer dizer: a noticia da convocação dos Estados Geraes ainda não chegou á Tapada da Ajuda.

Terceiro:

Na alfandega de Quelimane foi despachada para Marselha a cabeça de um preto, assassinado por um branco n'um praso da Companhia do Boror. O despacho fez-se sob a inscripção: *products coloniaes*.

E' costume dizer que regressamos. Não regressamos tal.

Parámos.

Em materia de colonização, por exemplo, estamos pelas alturas de Mombaca—á espera de monção.

A melhor colonia que temos afinal é a ilha dos Amores, que não descobrimos.

O resto está como estava, com alguns funcionarios a mais.

Em uma coisa, porém, mostramos tendencia para sair do secular marasma, como diria o sr. Sousa Monteiro.

E' no *sport*.

Não temos apenas o *sport*. Temos também uma litteratura de *sport*.

As instituições, velhas.

As bicyclettas, modernissimas.

Specimen de litteratura sportiva:

«A distribuição dos premios findou entre palmas e vivas á U. V. P. á U. C. I.; S. C. V., ao Campeão de Portugal, etc.

Amanhã nos referiremos ao banquete que no dia seguinte, sexta-feira, o S. C. e delegado da União offereceram á direcção da U. V. P.»

Deve ter sido muito interessante este banquete, se os cyclistas se exprimem da mesma forma por que escrevem.

—Meus senhores! Levanto o meu C. O. P. O. em honra da S. C. V., e reunindo n'um mesmo brinde os votos da M. C. I. saúdo com entusiasmo a U. V. P.

—Agradeço em nome da S. C. V. o brinde do illustre campeão da S. C.

Etc.

O peor é que a outra litteratura não é mais explicita.



Justamente, manda nos do Porto um curioso alfarrabista, o seguinte logar selecto:

«Infante Josaphat! o Budão!
Dramá Rajo, consoante transcreve o mesmo nosso Diogo do Couto (*Decada V*, liv. VI, cap. II) O rei da lei (*dharmaraja*), consoante, com Beal (*Catena of buddhist scriptures*), o nota Sénart (*Essai sur la légende du Buddha*).

No Oriente; no Occidente. A 26 de agosto, a 27 de novembro. O Buddhá... Siddhârtha!

Não é prosa.
E' tamara doce.

O FERRADOR.



Pellingrinação

O' noticia que me aturdes,
Tu prestas á nossa lavral
Já partiram para Lourdes,
Os amigos da Palavra!

Com certeza, d'esta feita
Damos garrote no cão:
O' que peça tão perfeita
Que sublime inspiração!

O que não fazem os finos
Salvadores encartados,
Vão fazel-o os *pelegrinos*
Pelo Papa abençoado!

Olhe lá, mestre Ribeiro,
Pode-me ir dando ás *palhetas*...
Temos chuva de dinheiro
A não caber nas gavetas!

Excellentissimo Franco,
Já se diz da Baixa á Lapa
Que é mais que notas do Banco
A benzedura do Papa!

D. eminente Fuschini
Não pôz a coisa direita...
Mas já temos quem atine
Co'a milagrosa receita!

Arrogantissimo Arroyo
Que arrebetasteste esses bofes,
Vamos ter trigo sem joio...
E eu já preparo as *estrophes*!

Se a futrica se escalavra;
Meu *Zé Dias*, não refiles...
Que os santarrões da *Palavra*,
Acertaram co'o *bustlis*!

Andou tudo em polvorosa,
Enxotaram-se as preguiças...
E a gente religiosa
Vae-nos salvar com tres missas!

VENANCIO.



Lê-se num jornal hespánhol:

«Sanatorio para cães

Magnífico edificio com jardins para a cura e recreio de cães, dirigido por um distincto professor veterinario, e montado com todos os requisitos da sciencia moderna, condições especiaes de comodidade, alimentação e tratamento, enfermarias, sala de operações, gabinete e aparelhos cirurgicos...»

Sala de bilhar, e bibliotheca!



Canções populares

MOTE

Tu foste ao Senhor da Serra,
Nem um anel me trouxeste:
Nem os moiros da Moirama
Fazem o que tu *fazeste*!

GLOSA

Não me estejas lá com contos,
Os contos sempre são graças;
Eu não sou para chalacas
E nos i' sei pôr os pontos!...
Sapatinhas de pespontos,
Jaquetinha das da berra,
Camizinha lá do Guerra...
Tantos luxos, tantas galas!
Nao me intrujas, não me embalas,
Tu foste ao Senhor da Serra!

Foste á festa tão falada
Entré o povo campeзино,
Onde o profano e o divino
Vão na mesma cambulhada;
Com cachopa, tua amada,
Com certeza que estiveste!...
E que te leve uma peste,
Pois, meu alma de chicharro,
Nem assobio de barro,
Nem um anel me trouxeste!

Não mintas! não é com essas!
Espirro! bramo! encordão!
E olha que eu não te perdoo
Nem que de joelhos o peças!...
Mette os pés em grandes pressas,
Busca um confessor de fama;
Porque já diz toda Alfama
Na tasca da tia Olaia,
Que patifes d'essa laia
Nem os moiros da Moirama!

Amei-te com muito amor,
Amei te com toda a gana,
Dei com a loja em Pantana
E puz no prego o assador!...
Podesse eu aqui dispôr
Do sócco que a tromba invente...
Pagava alguns que me deste
Para me aquecer no inverno...
Nem os diabos lá do inferno
Fazem o que tu *fazeste*!

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Banhos do mar e aguas thermaes em 1903. Serviço combinado entre varias estações d'esta companhia e diversas das linhas do Sul, Sueste, Beira Alta, Minho e Douro Porto a Povoia e Famalicão e Guimarães.

Viagens de ida e volta a preços reduzidos com bilhetes validos por dois mezes com a facultade de ampliação de prazo e de detenção em diversas estações de transitio.

Em identicas condições do serviço especial interno d'esta companhia para a epoca de banhos e aguas thermaes, já devidamente annuciado desde 15 de junho até 31 de outubro de 1903 as principaes estações das linhas acima mencionadas terão á venda bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, validos por dois mezes, com destino ás diversas localidades de banhos de mar e aguas thermaes servidas pelas estações das linhas combinadas.

Demais condições e preços ver os cartazes affixados nos logares do costume.

Lisboa, 30 de Julho de 1903

O Director Geral da Companhia
Chapuy.

Ourivesaria e Relojaria
com officina annexa
de fabrico e
concertos



Jóias
com brilhantes
Preços limitadissimos
99, RUA AUREA, 99



A PARODIA
Capas para encadernação do 1.º, 2.º e 3.º
volumes
Preço de cada 700 reis
Vendem-se na Rua do Gremio Lu-
zitano, 66, 1.º.

O SULTÃO E AS POTENCIAS



— Pois sim . . . mas elles vem cá visitar-me — Antão cumiê? . . .